

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC

UNIDADE ACADÊMICA DE SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

CHRISTIAN ENGELMANN

**O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO EM CARL G. JUNG COMO UM CAMINHO
PARA TRANSFORMAÇÃO PSICOLÓGICA DO HOMEM-MASSA DE JOSÉ
ORTEGA Y GASSET**

CRICIÚMA

2022

CHRISTIAN ENGELMANN

**O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO EM CARL G. JUNG COMO UM CAMINHO
PARA TRANSFORMAÇÃO PSICOLÓGICA DO HOMEM-MASSA DE JOSÉ
ORTEGA Y GASSET**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para
obtenção do grau de bacharel no curso de Psicologia
da Universidade do Extremo Sul Catarinense –
UNESC.

Orientadora: Anita Mussi

CRICIÚMA

2022

CHRISTIAN ENGELMANN

**O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO EM CARL G. JUNG COMO UM CAMINHO
PARA TRANSFORMAÇÃO PSICOLÓGICA DO HOMEM-MASSA DE JOSÉ
ORTEGA Y GASSET**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Anita Mussi - Mestre – UNESC – Orientadora

Luiz Fernando Gomes Corazza – Mestre – Unicampo e Unisociosc

Prof. Jaqueline Marques Muller – Mestre – UNESC

“Yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo.” — José Ortega y Gasset

“Todo psicoterapeuta não só tem seu método: ele próprio é este método.” — Carl G. Jung

Que eu abra mão dos meus planos estúpidos e deixe de estar apegado às pequenas coisas, enquanto tantas pessoas precisam de ajuda.

*Que nenhuma pessoa passe por mim sem ser mudada.
E que Deus me ajude.*

SERVIAM • ἀρετή • OPERE ET VIRTUS

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ser tão providente com alguém tão pouco merecedor.

Agradeço também à minha orientadora, a Prof^a Anita Mussi, que sempre foi um poço de paciência comigo, que estive envolvido com mais do que devia e acabei atrasando quase tudo nos últimos anos.

Sou grato aos meus pais que deram o melhor que puderam para bem me formar.

SUMÁRIO

1. JUSTIFICATIVA	7
2. OBJETIVOS	8
2.1 OBJETIVO GERAL	8
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	8
3. NORMAS DA REVISTA	9
3.1 Orientações aos autores para publicação	9
3.2 Exemplos de referências bibliográficas	10
4. METODOLOGIA.....	12
5. ARTIGO	13
CONTEXTUALIZAÇÃO	14
O HOMEM-MASSA ORTEGUIANO	17
O CONCEITO DE INDIVIDUAÇÃO PARA CARL G. JUNG.....	21
A TRANSFORMAÇÃO PSICOLÓGICA DO HOMEM-MASSA	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS, OU: A PSICOLOGIA DO INDIVÍDUO É A PSICOLOGIA DA NAÇÃO	33
REFERÊNCIAS	36

1. JUSTIFICATIVA

Durante o século XX a humanidade viveu as maiores catástrofes sociais jamais perpetradas por seres humanos contra sua própria espécie, marcadas pela Primeira e Segunda Guerras Mundiais, seguidas por décadas de Guerra Fria, momento em que a humanidade viveu sob a sombra de uma potencial guerra nuclear de proporções apocalípticas, entre Estados Unidos e União Soviética.

Foi neste contexto que Carl Jung e José Ortega y Gasset viveram e atingiram seu ápice intelectual e profissional, sendo mundialmente reconhecidos pela relevância de seus trabalhos, que investigam profundamente o espírito humano. Ditaduras, fascismo, nazismo, comunismo, designe-se como for as tiranias e autoritarismos, mas a questão é que a humanidade viveu um século de terror, que ainda nos assombra, uma vez que alguns destes movimentos não foram totalmente extintos, e ainda há amostras potenciais da retomada de cenários tirânicos e autoritários como aqueles, ainda hoje, o que justifica o interesse nesta problemática.

José Ortega y Gasset (2013) desenvolveu um conceito filosófico que descreve o perfil psicológico dos indivíduos que possibilitam a ascensão ao poder de ditadores tirânicos, e o chamou “Homem-Massa”. Por sua vez, Carl Jung (2013, p. 14) alerta para o perigo das psicoses latentes em indivíduos na sociedade que “apesar de constituírem um número pequeno em relação ao conjunto da população, representam um grande perigo”. Jung (2013, p. 14) continua sua argumentação, declarando que estes indivíduos são perigosos justamente em “razão do conhecimento muito limitado que as pessoas, ditas normais, possuem de si mesmas”, então propõe, como tarefa, o que ele chamou de individuação.

Ortega y Gasset (2013, p. 67) amplifica a preocupação de Jung, afirmando que homem-massa é alguém “cuja vida carece de projeto e caminha ao acaso”. Desta forma, os homens-massa, adotariam preceitos que não são seus, diferenciados de sua realidade, a partir de abstrações universalizadas como verdades por sujeitos tirânicos. O processo de individuação de Jung apresenta justamente uma forma de transformação psíquica, singular, pelo qual poderia passar todo e qualquer indivíduo, de tal modo que resultasse no despertar de particularidades individuais, tornando-se, assim, menos massificado e mais individuado.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender de que modo o conceito de individuação de Carl G. Jung pode contribuir para a transformação psicológica do Homem-massa de José Ortega y Gasset.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Identificar as características do Homem-Massa Ortegaiano;
- b) Analisar o conceito de individuação em Carl G. Jung enquanto processo de transformação psicológica;
- c) Relacionar os aspectos do processo psicológico de individuação Junguiano com o perfil do Homem-massa Ortegaiano.

3. NORMAS DA REVISTA

3.1 Orientações aos autores para publicação

As edições dos Cadernos Junquianos estão abertas para receber apenas contribuições inéditas no Brasil, que tratem de qualquer aspecto da psicologia junquiana, sua prática clínica e reflexão teórica, assim como resenhas de livros, filmes ou outras manifestações artísticas. Os artigos recebidos serão selecionados para publicação pela Comissão Editorial. Os Cadernos Junquianos reservam-se o direito de editar todo o material aceito para publicação.

1. Os originais dos artigos e contribuições devem ser entregues via email, gravados em .doc do WORD, para o endereço eletrônico: cadernos.junquianos@uol.com.br
2. Os artigos devem conter: a) no máximo 8.000 palavras ou 50.000 caracteres com espaço; b) página com sinopses e palavras-chave em português, espanhol e inglês, de no mínimo 100 e no máximo 180 palavras, e cinco palavras-chave nos três idiomas; c) folha de rosto com biografia sucinta do autor, seu endereço para correspondência, telefone, fax e e-mail; d) autorização para publicação assinada e datada, em folha separada.
3. Normas para o corpo do texto: a) tipologia *Times New Roman*, corpo 12, espaço duplo, sem qualquer formatação, exceto recuo de parágrafo; b) títulos e subtítulos em **negrito**; c) destaques de texto e palavras estrangeiras em *itálico*; d) títulos de obras em *itálico*; e) títulos de artigos entre aspas (" "); f) a palavra *Self* (com letra maiúscula) e em *itálico* e as palavras *anima* e *animus* em *itálico*; g) uso de minúsculas para os termos da psicologia (psicologia analítica, sombra, persona, arquétipo, complexo, ego, psique etc.).
4. Citações de até três linhas devem aparecer entre aspas (""") no corpo do texto, com o sobrenome do autor, data de publicação e o número da página ou parágrafo entre parênteses (). Para citações com mais de duas linhas mudar de parágrafo, dar espaço e usar corpo 11, sem aspas, indicando no final, entre parênteses () o sobrenome do autor, data da publicação e número da página ou parágrafo. Ex: (Bachelard,1990:75).
5. Não inserir notas de rodapé. As notas devem ser numeradas no final do texto.

6. Os artigos devem ser acompanhados de Referências Bibliográficas completas ao final do texto, com a lista dos autores em ordem alfabética pelo sobrenome do autor. Conferir exemplos abaixo.
7. Gráficos e ilustrações (no máximo três por artigo) podem ser incluídos apenas se estritamente necessários, e devem ser enviados em mídia eletrônica de alta resolução (300 dpi).
8. Resenhas de livros e filmes, bem como comentários sobre artigos já publicados, não devem exceder 8000 caracteres com espaço.
9. A Comissão Editorial reserva-se o direito de aceitar, recusar ou reapresentar o original ao autor com observações e sugestões de alteração. Os originais recebidos não serão devolvidos.

3.2 Exemplos de referências bibliográficas

LIVRO

SOBRENOME, Prenome (Ano de publicação). *Título*. Nota de tradução. Edição. Local: Editora.

Ex: BACHELARD, Gaston (1990). *A Terra e os Devaneios do Repouso*. São Paulo: Martins Fontes.

Padrão específico de referência para as obras de C. G. Jung:

JUNG, C. G. *The Collected Works of C. G. Jung*, traduzidos para o inglês por R. F. C. Hull, editados por H. Read, M. Fordham, G. Adler e Wm. McGuire. Princeton: Princeton University Press, Bollingen Series XX, volumes 1-20, referidos pela abreviatura *CW* seguida do número do volume e do parágrafo. Londres: Routledge & Kegan Paul. Ou pela abreviatura *OC* (*Obras Completas de C. G. Jung*), seguida do número do volume, brochura e parágrafo da edição brasileira da Editora Vozes, Petrópolis.

PERIÓDICO

TÍTULO DA PUBLICAÇÃO (Ano de publicação). Local: editor, ano do primeiro volume e do último, se a publicação terminou. Periodicidade (opcional). Notas especiais (títulos anteriores, ISSN etc.).

Ex: *EDUCAÇÃO & REALIDADE* (1975). Porto Alegre: UFRGS/FACED

ENTREVISTA

ENTREVISTADO (SOBRENOME, Prenome) (Data). *Título*. Publicação. Nota da Entrevista.

Ex: EDINGER, Edward (2004). *Tomas B. Kirsch Interviews Edward Edinger*. The San Francisco Jung Institute Library Journal, vol.23, n°2, p.48-66.

DISSERTAÇÃO E TESE

SOBRENOME, Prenome. (Ano da defesa). *Título: subtítulo*. Local: Instituição, n° de pág. ou vol. Indicação de Dissertação ou Tese, nome do curso ou programa da faculdade e universidade. e local.

Ex: OTT, Margot Bertolucci. (1983) *Tendências Ideológicas no Ensino de Primeiro Grau*. Porto Alegre: UFRGS, 1983. 214 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

CONGRESSOS E SIMPÓSIOS

SOBRENOME, Prenome (Data). Nome do Evento, n° de edição do evento, ano, local. *Título*. Local: Editor, n° de pág. (opcional).

Ex: WOOD, D. R. Augusto (2004). Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana, 3, 2003, Salvador. *Anais*. São Paulo: Lector Editora.

DOCUMENTO ELETRÔNICO

SOBRENOME, Prenome. *Título*. Edição. Local: ano. N° de páq. ou vol. (Série) (se houver) Disponível em: <<http://...>> Acesso em: dia.mês(abreviado).ano.

Ex: WOOD, Daniel Ricardo Augusto. *A Metáfora Alquímica*. Disponível em <http://www.milenio.com.br/danwood/psi/psia001.html>. Acesso em: 10.jan.2005.

4. METODOLOGIA

O método de abordagem da presente pesquisa será o dedutivo, isto é, a partir do raciocínio lógico que se origina em enunciados gerais, passa por suposições que constituem as premissas de pensamento racional e, deduzidas, chegam a conclusões. Trata-se do método de abordagem que parte de premissas verdadeiras que levam, inevitavelmente, a conclusões verdadeiras (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 91-92).

A vertente de pesquisa, por sua vez, será a qualitativa, que representa, nas palavras de Oliveira (2007, p. 37), “um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para a compreensão detalhada de seu objeto de estudo em seu contexto [...]”. Esta abordagem tem como objetivo proporcionar melhor compreensão das premissas apresentadas, buscando explorá-las a partir de algumas ideias pré-concebidas sobre a conclusão do estudo, seguindo uma revisão de fontes internas e externas de dados secundários.

O método de procedimento será a escrita de um artigo, cuja técnica de pesquisa se dará por revisão bibliográfica, abrangendo bibliografia sobre o tema exposto, como livros, periódicos, teses, dissertações e artigos científicos publicados em revistas. O marco teórico da pesquisa será a partir das obras “A rebelião das massas” de José Ortega y Gasset e “O eu e o inconsciente”, “Psicologia do inconsciente,” “Presente e Futuro” e “Civilização em Transição” de Carl G. Jung.

5. ARTIGO

O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO EM CARL G. JUNG COMO UM CAMINHO PARA TRANSFORMAÇÃO PSICOLÓGICA DO HOMEM-MASSA DE JOSÉ ORTEGA Y GASSET

Christian Engelmann

Sinopse: Este artigo se propõe a investigar a condição psicológica identificada pelo filósofo José Ortega y Gasset, chamada *homem-massa*, que, apesar de tão bem apresentada em sua obra, com críticas tão duras e riscos sociais inerentes, não teve a mesma dedicação do filósofo para elaborar o caminho que retiraria as pessoas desta condição. Propõe-se então analisar o *processo de individuação* em Carl Gustav Jung, como uma alternativa possível para a transformação psicológica do *homem-massa*, seus fundamentos, conceitos centrais, desafios e as implicações que as pessoas que, com sucesso, percorressem o caminho da individuação, gerariam. O artigo convida ainda à uma reflexão sobre os paradigmas de individualidade e coletividade.

Palavras-chave: Individuação. Homem-massa. Coletividade. Psicologia Analítica. Self.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo indagar en la condición psicológica identificada por el filósofo José Ortega y Gasset, llamado *hombre-masa*, quien, a pesar de estar tan bien presentado en su obra, con tan duras críticas y riesgos sociales inherentes, no tuvo la misma dedicación del filósofo para encontrar el camino que sacaría a la gente de esta condición. Se propone entonces analizar el *proceso de individuación* en Carl Gustav Jung, como posible alternativa para la transformación psicológica del *hombre-masa*, sus fundamentos, conceptos centrales, desafíos y las implicaciones que las personas que, con éxito, transitan el camino de la individuación, generarían. El artículo también invita a una reflexión sobre los paradigmas de la individualidad y la colectividad.

Palabras clave: Individuación. Hombre-masa. Colectividad. Psicología Analítica. Self.

Abstract: This article aims to investigate the psychological condition identified by the philosopher José Ortega y Gasset, called *mass-man*, who, despite being so well presented in his work, with such harsh criticisms and inherent social risks, did not have the same dedication of the philosopher to work out the path that would remove people from this condition. It is then proposed to analyze the *individuation process* in Carl Gustav Jung, as a possible alternative for

the psychological transformation of the *mass-man*, its foundations, central concepts, challenges and the implications that people that successfully walked the path of individuation would generate. The article also invites a reflection on the paradigms of individuality and collectivity.

Keywords: Individuation. Mass-man. Collectivity. Analytical Psychology. Self.

CONTEXTUALIZAÇÃO

O termo *massa* é mais um daqueles termos que pegamos emprestados de situações ou coisas do cotidiano e empregamos em contextos sociais, políticos, filosóficos e psicológicos, para mais claramente expressarmos o que queremos dizer. Originalmente o termo é utilizado para descrever

1. Quantidade de matéria sólida ou pastosa de maior ou menor coesão, geralmente de forma indefinida.
2. Quantidade considerável de um fluido.
3. Conjunto de elementos, geralmente de mesma natureza, formando um aglomerado. [...] 9. fig. Coisa, objeto que perdeu sua forma (HOUAISS, 2009, p. 1253-1254).

Mas, hoje em dia, facilmente se compreende a utilização do termo em contextos variados, como quando se fala sobre, por exemplo, uma “sociedade de massa”, “comunicação em massa”, “produção em massa”, “comportamento de massa”, “consumo de massa” e etc.

Entretanto, a utilização do termo para a elaboração de conceitos específicos das disciplinas de sociologia, política, comunicação, filosofia, psicologia e outras, tem sua gênese manifestada a partir da Revolução Francesa, que foi a epítome da ascendência das pessoas sem título de nobreza, os chamados *burgueses*, sobre os *nobres*, e portanto o início da chamada *democracia liberal* — que é, fundamentalmente, a elevação da *massa*, ou da maioria, ao poder (MOTA e ACSELRAD, 2011) —, e da Revolução Industrial, caracterizada pela urbanização, estabelecimento de um grande volume de pessoas nestes mesmos centros urbanos, o grande

volume de bens que passaram a ser produzidos em escala e a maior geração de capital, que passou a ser, paulatinamente, melhor distribuído ao povo, ao invés de se concentrar prioritariamente na nobreza.

Carl Jung, também ciente destes movimentos, afirma o ineditismo desta nova estruturação da civilização em grandes centros urbanos, e confirma que

graças à industrialização, grandes parcelas da população foram desenraizadas e agrupadas em grandes centros. Esta nova forma de existência [...] produziu um indivíduo que era instável, inseguro e sugestionável (JUNG, 1978, p. 222, §453).

Uma das utilizações do termo *massa* de forma inédita foi a de José Ortega y Gasset — um dos protagonistas a que nos propomos investigar neste artigo —, com a criação do conceito de *homem-massa*. Ortega y Gasset concebe o fenômeno de massa a partir de uma perspectiva psicológica, integral de cada indivíduo, e não sociológica ou quantitativa, não relacionando a massificação a um grupo social específico, mas a um estado psicológico possível a cada pessoa individualmente.

A descrição deste fenômeno possível aos seres humanos feita por Ortega y Gasset serve então de inspiração para diversas teorias de controle social, que passam a enxergar os caminhos de manipulação do ser-humano à partir de sua vulnerabilidade enquanto *homem-massa*, principalmente utilizada e explorada nas disciplinas de comunicação, publicidade e propaganda — em que o filósofo espanhol é, ainda hoje, parte da bibliografia obrigatória para a formação de profissionais destas áreas —, que se reinventaram no século XX, devido a criação de meios de comunicação [de massa], como rádio, televisores, redes de telefonia e internet.

Os meios de comunicação de massa foram instrumentos fundamentais para os grandes movimentos totalitaristas do século passado, utilizados intencionalmente para manipulação e

convencimento de seus respectivos povos por líderes autoritários e ditadores. Não se pode estudar a história do Partido Nazista (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães), do Partido Comunista da União Soviética ou do Partido Comunista Chinês liderado por Mao Tse Tung, por exemplo, sem se deparar com o gigantesco aparato propagandístico que possuíam para disseminar seus ideais e esconder seus crimes — como por exemplo os maiores massacres e genocídios da história da humanidade — do seu povo (TORRES, 2021); à partir de robustas estratégias de propaganda, que levavam em conta o *homem-massa* orteguiano, conseguiram manter sob seu poder e influência, legiões de pessoas e vastos exércitos que, voluntariamente, mantinham funcionando a engrenagem de seus movimentos abomináveis. Muitas destas pessoas, após encerradas as tragédias de que fizeram parte, relatam que não se consideravam culpadas por nenhuma das atrocidades que fizeram parte — fenômeno observado largamente no *Julgamento de Eichmann* e nos Julgamentos de Nuremberg —, justificando suas ações como apenas cumprimento de ordens pelo bem maior do grupo (nação, exército, setor do governo etc.) que faziam parte.

Jung também via com preocupação a ascensão destes Estados tirânicos, e desenvolveu sua psicologia levando em conta o que observara na mesma Europa do século XX em que viveu José Ortega y Gasset, e afirmou que sua preocupação residia no fato de que

em vez do indivíduo concreto, você tem os nomes das organizações e, no ponto mais alto, a ideia abstrata do Estado como princípio da realidade política. A responsabilidade moral do indivíduo é então inevitavelmente substituída pela política do Estado (*raison d'etat*). Em vez de diferenciação moral e mental do indivíduo, você tem o bem-estar público e a elevação do padrão de vida. O objetivo e o sentido da vida individual (que é a única vida real) não residem mais no desenvolvimento individual, mas na política do Estado, que é imposta ao indivíduo de fora e consiste na execução de uma

ideia abstrata que, em última análise, tende a atrair toda a vida para si. O indivíduo é cada vez mais privado da decisão moral de como deve viver sua própria vida e, em vez disso, é governado, alimentado, vestido e educado como uma unidade social, acomodado na unidade habitacional apropriada e divertido de acordo com os padrões que dão prazer e satisfação às massas (JUNG, 1978, p. 252, §499).

Esta preocupação de Jung coaduna perfeitamente com o conceito de *homem-massa*, estes sujeitos distantes de suas individualidades e profundamente amalgamados entre si, tão bem delineados por Ortega y Gasset.

O HOMEM-MASSA ORTEGUIANO

O *homem-massa* é uma das peças centrais da filosofia de Ortega, o qual concebe o fenômeno de massa a partir de uma perspectiva psicológica. Até a proposição de Ortega, as grandes teorias sociais, políticas e econômicas, pensavam a civilização moderna em termos de uma dialética hegeliana do senhor e do escravo, mas Ortega y Gasset vai dizer que é possível ir além desta classificação e pensar as classes sociais não apenas como resultado de uma divisão econômica, mas pensar também a partir de “um modo de ser” que se encontra em todas as classes. Ortega y Gasset identifica que a divisão fundamental em nossa sociedade se dá a partir de um corte transversal na hierarquia social, e que na verdade a divisão não é necessariamente de classe, mas é de um modo de ser da pessoa humana, integral de cada indivíduo, e não sociológica ou quantitativa, não relacionando a massificação a um grupo social específico, mas que “a rigor, a massa pode definir-se, como fato psicológico, sem necessidade de esperar que apareçam os indivíduos em aglomeração” (ORTEGA Y GASSET, 2005, p. 63).

Ortega y Gasset elabora seu conceito de homem-massa na obra *A Rebelião das Massas*, publicada originalmente em 1929, em plena ditadura espanhola (a chamada Ditadura de Primo

de Rivera), praticamente uma década depois do fim da Primeira Guerra Mundial e a uma década da Segunda Guerra Mundial começar, ano em que também estava em plena ascensão o Fascismo na Itália, o Nazismo na Alemanha e o Comunismo na União Soviética. Além de filósofo, era também jornalista e ativista político, portanto profundamente envolvido e atento aos movimentos em toda a Europa.

Na obra *A Rebelião das Massas*, Ortega y Gasset expõe seus conceitos de maneira não linear, pois foi escrita originalmente em artigos de jornal, em que ele conciliava a exposição dos seus conceitos com o cenário europeu que via ao seu redor. Agrupados posteriormente para organização da obra completa que temos acesso hoje em dia, estes artigos são ensaios que simultaneamente abarcam a exposição filosófica, a crítica social e a arte poética, tão profundamente dominada por Ortega. O conceito de *homem-massa* se distribui, portanto, ao longo de toda obra, à medida que ele vai expondo suas elocubrações, analisando suas circunstâncias e investigando a história humana.

Apesar de bastante eloquente em seus trabalhos, Ortega y Gasset em nenhum momento sintetiza em poucas palavras seus conceitos, e dedica-se ao longo das diversas páginas discorrendo a respeito das características e circunstâncias do *homem-massa*. Desta forma faremos uma investigação em que será destrinchado o *homem-massa* e apresentado de forma mais objetiva neste trabalho. Começaremos das exposições mais gerais de Ortega, até as mais específicas e circunstanciais.

São visíveis diversas influências na criação deste conceito, ainda que em si mesmo ele seja original, e podemos dar os contornos gerais do homem-massa afirmando que

a massa de Gasset é mais ampla do que os amotinados de Burke e Taine, mas é igualmente subversiva, agressiva, violenta, antiliberal. Assim como para Le Bon e Freud, a massa de Gasset é estética, é afetiva, é, sobretudo, vulgar. É uma categoria cultural, diretamente associada à barbárie de Guizot. Dominada

por uma cultura imagética, descolada da prática reflexiva, essa massa é a-histórica, isto é, rompe com a transcendência e com a razão, como faz o sujeito nietzscheano, mas também com o passado, a memória, a tradição e a erudição. A massa, portanto, não respeita hierarquias. Não respeita as instituições, porque não conhece a técnica e não entende o próprio aparato estatal (AXT, 2020).

Ortega y Gasset esclarece ainda que

mais do que um homem, é apenas uma carcaça de homem constituído por meros *idola fori*; carece de um "dentro", de uma intimidade sua, inexorável e inalienável, de um eu que não se possa revogar. Daí estar sempre em disponibilidade para fingir ser qualquer coisa. Tem só apetites, crê que só tem direitos e não crê que tem obrigações (ORTEGA Y GASSET, 2005, p. 22).

Como se pode ver, Ortega é bastante duro com os sujeitos identificados como *homem-massa*, e isso nos leva a apontar, no diagrama psicológico destes *homens-massa*, alguns traços fundamentais que o delineiam, apresentados de forma esparsa ao longo de toda obra *A Rebelião das Massas*, quais sejam: 1) Ingratidão e indiferença; 2) Quer progresso, mas ignora o que leva ao progresso; 3) Expansão de seus desejos vitais; 4) Violento e rebelde; 5) Culto à técnica e especialidade; 6) Vulgar; 7) Não exige nada de si, mas exigem tudo dos outros e do estado; 8) Sem senso de direção.

O *homem-massa* pode ser encontrado em qualquer ambiente, atuando em qualquer função, passível de assumir em sua biografia uma postura de traidor da sua condição metafísica, “no sentido em que se trata de um homem que se abstém de fazer a si mesmo, com autonomia, de viver a dramaticidade de sua vida, de esforçar-se por dar sentido a si próprio e que, em sua dimensão social faz do mundo sua imagem e semelhança” (ASSUMÇÃO, 2012, p. 158).

Deste modo, já que o aspecto intrinsecamente humano está no indivíduo, a massificação,

enquanto fenômeno humano, deve ocorrer justamente na intimidade do indivíduo. O que surge posteriormente como fenômeno social, ou coletivo, é um desenrolar dos fenômenos que aconteceram primeiramente no nível individual, e se mostra cada vez mais robusto na medida em que cada vez mais indivíduos, um a um, são dragados pela massificação ou optam (“optam” pois veremos mais adiante como a todo ser-humano é dada a oportunidade de individuar-se; como naturalmente se manifesta na consciência, do inconsciente, o “chamado para aventura”) pela comodidade de não se individuarem, até que se tornem muitos, uma massa amorfa e violenta, uma massa que “atropela tudo que é diferente, egrégio, individual, qualificado e seletivo. Quem não seja como todo o mundo, quem não pense como todo o mundo, corre o risco de ser eliminado” (ORTEGA Y GASSET, 2005, p. 68). Ou, num cenário potencialmente mais catastrófico, que sejam guiados (ou manipulados) por poucos, para o mal de forma mais ampla, tendo em vista que, como bem nos alertou Jung, há constantemente o perigo das psicoses latentes em indivíduos na sociedade que “apesar de constituírem um número pequeno em relação ao conjunto da população, representam um grande perigo” (JUNG, 2013b, p. 14, §490). Jung continua sua argumentação, declarando que estes indivíduos são perigosos justamente em “razão do conhecimento muito limitado que as [outras] pessoas, ditas normais, possuem de si mesmas” (*ibid.*), então propõe, como caminho de conquista de *si-mesmos*, de integração entre a consciência e a inconsciência (totalidade), o que ele chamou de um *Processo de Individuação*.

A descrição analítica de Ortega não é positiva, e não é preciso muito esforço para reconhecer a veracidade dos elementos constitutivos do *homem-massa* e mais, a identificação de pessoas com estes traços aos montes em nossa sociedade atualmente. Ortega faz uma análise profunda, reconhecida mundialmente pela precisão de seus apontamentos, com descrição e detalhamento a respeito deste perfil psicológico possível a qualquer um que viva na sociedade moderna, e ainda nos alerta dos perigos intrínsecos à esta condição. Permanece, porém, uma

questão em aberto: como deixar de ser *homem-massa*? Ortega não responde a esta questão, mas Carl Gustav Jung parece ter desvelado uma possibilidade.

O CONCEITO DE INDIVIDUAÇÃO PARA CARL G. JUNG

A obra de Jung não utiliza os métodos da filosofia, em que são apresentados os conceitos sistematicamente, erguendo-se premissas básicas e certificando-se de que as partes se ajustam e se combinam mutuamente sem contradição (STEIN, 2000, p. 19), desta forma os conceitos de sua psicologia vão sendo apresentados continuamente ao longo da publicação dos volumes de suas Obras Completas, em virtude mesmo de ele ir aperfeiçoando sua psicologia de maneira empírica através de sua própria vida. Por um lado, esta estrutura é bastante benéfica, pois aprofunda cada vez mais seus conceitos na medida em que estes se correlacionam com os demais e são confrontados com a realidade; por outro lado um pouco ruim, pois Jung foi um prolífico escritor, e há

que se conhecer toda a sua obra para se obter um quadro correto. Se ele for lido de um modo mais ou menos aleatório por algum tempo, o leitor começará a desconfiar de que as peças se ajustam, de uma forma ou de outra, na própria mente de Jung, mas só depois de lida a sua obra e refletindo sobre ela por muito tempo, é que o leitor poderá ver como realmente isso ocorre (STEIN, 2000, p. 19).

Em resumo: a psicologia pensada por Jung é bastante complexa. Desta feita, portanto, iremos neste artigo fazer um esforço para apresentar de maneira concisa os conceitos que se enlaçam para erigir o que Jung chamou de “Processo de Individuação”, certos de que não esgotaremos o tema. Isso significa que, para o leitor que queira se aprofundar no magnífico legado deixado por Jung, é necessário seguir o conselho de Murray Stein citado acima: ler a sua obra completa e refletir sobre ela por muito tempo.

Há uma distinção importante de ser feita inicialmente, que é a diferenciação entre individuação e individualismo. Jung distingue claramente os dois conceitos, pois ambos, apesar de parecerem semelhantes, se distinguem diametralmente. Para Jung, que foi direto ao ponto,

individualismo significa acentuar e dar ênfase deliberada a supostas peculiaridades, em oposição a considerações e obrigações coletivas. A individuação, no entanto, significa precisamente a realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano; é a consideração adequada e não o esquecimento das peculiaridades individuais, o fator determinante de um melhor rendimento social (JUNG, 2014a, p. 66, §267).

Feita esta distinção inicial, vamos adiante tratando do Processo de Individuação, que é o coração da psicologia analítica. A individuação é definida como um processo gradual e constante de integração dos aspectos conscientes e inconscientes, bem como das demandas subjetivas e objetivas, rumo à complexidade crescente da personalidade e ao encontro cada vez mais profundo com o *Self* (PENNA, 2013).

Jung nos explica em *O eu e o inconsciente*, que

individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por ‘individualidade’ entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio *si-mesmo*. Podemos, pois, traduzir “individuação” como “tornar-se si-mesmo” (Verselbstung) ou “o realizar-se do si-mesmo” (Selbstverwirklichung) (JUNG, 2014a, p. 66, §266).

Mas, desde o início da utilização do termo *individuação* em seus trabalhos, que primeiramente foi exposto de maneira formal na obra *Tipos Psicológicos*, publicado originalmente em 1921, porém em composição desde 1913, Jung deixa claro que

a individuação, em geral, é o processo de formação e particularização do ser

individual e, em especial, é o desenvolvimento do indivíduo psicológico como ser distinto do conjunto, da psicologia coletiva. É, portanto, um processo de diferenciação que objetiva o desenvolvimento da personalidade individual. É uma necessidade natural; e uma coibição dela por meio de regulamentos, preponderante ou até exclusivamente de ordem coletiva, traria prejuízos para a atividade vital do indivíduo (JUNG, 2013c, p. 591, § 853).

É por meio desse desenvolvimento que o sujeito pode experimentar sua essência em unidade, integrando os opostos a fim de tornar-se inteiro e aproximar-se mais de quem já se é em potencial. Dessa forma, a individuação corresponde ao surgimento do *Self* na consciência, através de sua manifestação nos numerosos estágios de desenvolvimento em que se transita ao longo da vida, uma vez que “durante o desenvolvimento, o si-mesmo [*Self*] colide com a psique e gera mudanças no indivíduo em todos os níveis: físico, psicológico e espiritual” (STEIN, 2000, p. 173).

De acordo com Jolande Jacobi (1983, p. 12) permaneceu incansável o esforço científico e psicoterapêutico de Jung para elaborar um procedimento metodológico para trazer esses componentes à consciência e associá-los ao ego, a fim de realizar a “personalidade maior” que está potencialmente presente em cada indivíduo.

Baseando-se no modelo de três estágios apresentado por Jung como forma de “descrição ou definição resumida” (JUNG, 2013a, p. 31, §63) de fatos observáveis que dedicou a analisar, Stein (2000) afirma que o processo de individuação é composto pelas seguintes etapas: 1) estruturação da persona e do ego; 2) conscientização e integração da sombra e da *anima/animus*; e por fim, 3) o encontro com o *Self*. Assim se dá, pois, a individuação é como uma jornada, que parte da estruturação do ego e da persona, para não nos deixarmos conduzir pelas demandas, muitas vezes cruéis, das circunstâncias que estamos inseridos, e melhor desvelarmos os conteúdos do nosso inconsciente pessoal; em seguida a tarefa é a conscientização e

integração da sombra, pois somente com a sombra bem integrada se acessa com clareza a sизígia *anima/animus*, e assim “a *anima* vai pouco a pouco deixando de ser uma personalidade autônoma. Desse momento em diante, ela se torna a função de relação entre o consciente e o inconsciente [tanto pessoal, quanto coletivo]” (JUNG, 2011, p. 182, §04); abrindo, por fim, as “portas” para o caminho espiralado, que passamos a circumambular (termo também criado por Jung), que leva ao *Self*, o grande tesouro da psique humana.

Este modelo em três estágios para o desenrolar da individuação na vida humana, lida com cinco Arquétipos fundamentais da personalidade, que são: *persona*, *ego*, *sombra*, a sизígia *anima/animus* e o *Self*. Estas estruturas interagem entre si em três reinos distintos, o consciente, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo.

Para que se entenda melhor o processo de individuação, passemos a uma explicação breve sobre estas estruturas. Jung concebia a psique, ou a personalidade total de uma pessoa, como composta de um reino consciente e inconsciente. O reino inconsciente ele dividiu em inconsciente pessoal e inconsciente coletivo. O inconsciente pessoal é composto em grande parte por elementos reprimidos da história pessoal, enquanto o inconsciente coletivo é composto por instintos e arquétipos comuns a todos os seres humanos.

O termo *persona* é derivado da palavra latina equivalente a *máscara*, e “é realmente uma expressão muito apropriada, porquanto designava originalmente a máscara usada pelo ator significando o papel que ia desempenhar” (JUNG, 2014a, p. §245). Jung ainda nos dá mais detalhes a respeito da *persona*, explicando questões que nos são muito caras para correlacionarmos mais adiante o processo de individuação com o *homem-massa* orteguiano, ao dizer que

ao analisarmos a *persona*, dissolvemos a máscara e descobrimos que, aparentando ser individual, ela é no fundo coletiva; em outras palavras, a

persona não passa de uma máscara da psique coletiva. No fundo, nada tem de real; ela representa um compromisso entre o indivíduo e a sociedade, acerca daquilo que “alguém parece ser: nome, título, ocupação, isto ou aquilo”. De certo modo, tais dados são reais; mas, em relação à individualidade essencial da pessoa, representam algo de secundário, uma vez que resultam de um compromisso no qual outros podem ter uma quota maior do que a do indivíduo em questão. A persona é uma aparência, uma realidade bidimensional [plana, por isso superficial], como se poderia designá-la ironicamente (ibid., §246).

A *persona* é, claramente, o arquétipo que rege o *homem-massa* descrito por José Ortega y Gasset; a dissolução da máscara é seu desafio primordial e essencial, o primeiro e mais importante passo que precisa ser dado.

Já o *Ego* é uma palavra latina cuja tradução literal é *eu*. O *ego* pode ser entendido como um óbvio ponto de partida para se ingressar no vasto reino da psique humana. Indo direto ao ponto, podemos afirmar que

entendemos por "*eu*" aquele fator complexo com o qual todos os conteúdos conscientes se relacionam. É este fator que constitui como que o centro do campo da consciência, e dado que este campo inclui também a personalidade empírica, o *eu* é o sujeito de todos os atos conscientes da pessoa (JUNG, 2013a, p. 14, §1).

A *sombra* é, de certa forma, o arquétipo contrário a *persona*, uma vez que a *persona* contém os elementos que mostramos publicamente, e a *sombra* é aquilo que contém os elementos esquecidos da pessoa, o seu mundo interno, desconhecido e reprimido. A *sombra* encontra-se no centro do inconsciente pessoal, e todo *ego*, inevitavelmente, tem uma *sombra*. Isso acontece porque

quaisquer partes da personalidade que normalmente pertenceriam ao *ego* se

estivessem integradas, mas foram suprimidas por causa de dissonância cognitiva ou emocional, caem na sombra. O conteúdo específico da sombra pode mudar, dependendo das atitudes e do grau de defensividade do ego. De um modo geral, a sombra possui uma qualidade imoral ou, pelo menos, pouco recomendável, contendo características da natureza de uma pessoa que são contrárias aos costumes e convenções morais da sociedade (STEIN, 2000, p. 98).

Stein ainda argumenta, muito poeticamente, que “a sombra é o lado inconsciente das operações intencionais, voluntárias e defensivas do ego” (*ibid.*). A integração da sombra exige muita honestidade, coragem e uma boa dose de desapego das opiniões alheias; podemos pressupor aqui que os traços violentos e vulgares do *homem-massa* apresentados anteriormente residem justamente na não integração desta *sombra*, que, justamente por não estar integrada à consciência, assume as rédeas do *ego* num processo neurótico ou até psicótico. Jung nos confirma esta posição, quando expõe que

muitas vezes é trágico ver como uma pessoa estraga de modo evidente a própria vida e a dos outros, e como é incapaz de perceber até que ponto essa tragédia parte dela e é alimentada progressivamente por ela mesma. Não é a sua consciência que o faz (JUNG, 2013a, p. §18).

A integração da *sombra* é fundamental para todos que queiram progredir para um grau mais excelente de vida, mas é preciso lembrar que

a aceitação da sombra como parte da nossa personalidade requer que redefinamos quem somos e em que acreditamos. Temos de reconhecer que, de fato, temos necessidades e desejos que antes considerávamos sem valor ou imorais (ROBERTSON, 1999, p. 132).

Já a *sizígia anima/animus* é estrutura inconsciente que representa a parte do gênero

oposto de cada indivíduo, sendo a *anima* o aspecto feminino e o *animus* o aspecto masculino. Estas são estruturas fundamentalmente arquetípicas e ancestrais, e

cada homem sempre carregou dentro de si a imagem da mulher; não a imagem desta ou daquela mulher em particular, mas uma imagem feminina definida. Essa imagem, examinada a fundo, é uma massa hereditária inconsciente, gravada no sistema vital e proveniente de eras remotíssimas; é um “tipo” (“arquetipo”) de todas as experiências que a série dos antepassados teve com o ser feminino, é um precipitado que se formou de todas as impressões causadas pela mulher, é um sistema de adaptação transmitido por hereditariedade. [...] O mesmo vale também para a mulher, pois também ela carrega igualmente dentro de si uma imagem inata do homem (JUNG, 2014b, p. §338).

A sизígia *anima/animus*, podem ser ilustrados simbolicamente pelo deus grego mitológico Hermes, o deus mensageiro e dos caminhos, que tem livre passagem pelos diferentes mundos da mitologia, ilustrando a capacidade que estes arquetipos têm de conduzir o *ego* no vasto inconsciente que está se desvelando e que abriga o maior dos tesouros da psique humana.

O *Self*, também frequentemente citado em português como *si-mesmo*, é o arquetipo dos arquetipos; Jung o descreveu como sendo o arquetipo central, o arquetipo da ordem e da totalidade da psique, de onde emana o que potencialmente podemos ser em nosso grau mais elevado. Deve-se saber e entender que o consciente e o inconsciente não estão necessariamente em oposição, mas que se complementam formando assim, uma totalidade. Essa totalidade é o *Self*, “o ‘deus interior’, a maior aproximação psicológica possível do que seja a divindade” (ROBERTSON, 1999, p. 164), entendido como unificação e reconciliação de polaridades, o equilíbrio que “constela a totalidade e a ordem no cerne da psique” (*ibid.*). Jung diz que a integração da *anima/animus* nos leva em seu percurso a

“algo” [que] é-nos estranho e, no entanto, próximo; sendo plenamente o que somos, é incognoscível, um centro virtual de misteriosa constituição e que poderá exigir tudo: parentesco com animais e deuses, com cristais e estrelas, sem que isso nos surpreenda ou provoque nossa desaprovação. Tudo isto é exigido e nada temos nas mãos para opor razoavelmente a tal exigência. E é saudável prestar ouvidos a essa voz. Dei a este ponto central o nome de *si-mesmo* (Selbst [*Self*]). Intelectualmente, ele não passa de um conceito psicológico, de uma construção que serve para exprimir o incognoscível que, obviamente, ultrapassa os limites da nossa capacidade de compreender. O *si-mesmo* também pode ser chamado “o Deus em nós”. Os primórdios de toda nossa vida psíquica parecem surgir inextricavelmente deste ponto e as metas mais altas e derradeiras parecem dirigir-se para ele (JUNG, 2014a, p. §398-399).

O *Self* é, portanto, justamente o que o processo de individuação visa alcançar, ainda que seja fundamentalmente inalcançável, por representar a perfeição possível a cada indivíduo singularmente. É a expressão antecipada em nossa psique da melhor versão de nós mesmos, e que luta ativamente para se manifestar.

Individuar, portanto, é autorrealizar-se com o objetivo de se mover em direção à totalidade psicológica. A totalidade é um estado ideal em que todos os nossos potenciais latentes são atualizados e todos os elementos do nosso inconsciente são trazidos à luz da consciência e integrados harmoniosamente em nossa estrutura de caráter. Na brevidade de uma vida humana, podemos apenas nos aproximar, mas nunca alcançar plenamente a condição de integridade psicológica. Mas caminhar nessa direção gera realização e dá o sentido mais pleno possível à vida humana, além de nos levar ao cultivo de um caráter que está enraizado em nossa individualidade e que transcende meros papéis sociais e as expectativas dos nossos pares e da sociedade em geral.

A TRANSFORMAÇÃO PSICOLÓGICA DO HOMEM-MASSA

O processo de individuação, portanto, não só pode, como é o melhor caminho para transformar psicologicamente o *homem-massa* orteguiano. Mesmo sem Jung e Ortega y Gasset terem se conhecido, é surpreendente como suas concepções dialogam reciprocamente. O que Jung escreve sobre a mentalidade massificada converge tão bem com a descrição de Ortega, que é como se o processo de individuação tivesse sido pensado levando o *homem-massa* em conta, como podemos claramente auferir de passagens expondo que

“o único remédio eficaz para a mentalidade de massa, para o efeito despersonalizador das instituições sociais coletivas modernas, e para a ameaça do niilismo, acreditava Jung, residia no aumento da consciência do si-mesmo e no amadurecimento da psique individual” (CLARKE, 1993, p. 201).

Entretanto, precisamos lembrar que

é possível fracassar na tarefa de individuação. Uma pessoa pode permanecer dividida, não-integrada, internamente múltipla, até chegar a uma idade avançada, e ainda assim ser tida na conta de alguém que viveu uma vida social e coletivamente bem-sucedida, embora superficial (STEIN, 2000, p. 157).

Individuação é compensação, em que o inconsciente atua para compensar desequilíbrios do ego consciente super apegado à persona. e sua relação com suas circunstâncias. Tendo isso em mente, podemos pressupor que dificilmente o *homem-massa* não sofrerá espontaneamente com os mecanismos de compensação de seu inconsciente, tendo em vista que a sua manifestação em vida é pura influência exterior, se distanciando em demasia de suas singularidades pessoais contidas no *Self*, impossíveis de serem emuladas pela massa, fazendo com que, como exposto anteriormente, o *Self* “colida” com a sua consciência para que seja buscado, ou melhor, circumambulado.

O *Self* atua fazendo o “chamado para a aventura”, cabe ao *homem-massa*, portanto, optar por dar ouvidos a este chamado do *Self*, ou fazer ouvidos moucos, recusar o chamado para aventura, com seus desafios e desconfortos, e permanecer massificado, homogêneo ao meio. Saber do seu estado de massificação — e todos os possíveis efeitos negativos atrelados a este estado —, e da possibilidade de uma individuação — e de todo o benefício de empreender esta jornada em busca de si-mesmo —, é, portanto, a chave para o *homem-massa* transformar-se psicologicamente.

As seguintes palavras de Jung se fazem esclarecedoras quanto a importância da consciência, mediante um necessário envolvimento do ego, no processo de individuação:

Poder-se-ia dizer que todo mundo, com sua confusão e miséria, está num processo de individuação. No entanto, as pessoas não o sabem, esta é a única diferença. A individuação não é de modo algum uma coisa rara ou um luxo de poucos, mas aqueles que sabem que passam pelo processo são considerados afortunados. Desde que suficientemente conscientes, eles tiram algum proveito de tal processo (JUNG, 1973, *apud* FADIMAN & FRAGER, 1986, p. 58).

Ou seja, por mais que aconteça naturalmente, “em seu sentido estrito, o processo de individuação só é real se o indivíduo estiver consciente dele e, conseqüentemente, com ele mantendo viva ligação” (VON FRANZ, 2016, p. 213).

Com isso em mente, não podemos negar a importância da prática em psicologia analítica, a análise em si, uma vez que, segundo Jung, “é necessário um processo consciente de diferenciação, ou individuação, para trazer a individualidade à consciência, isto é, para tirá-la do seu estado de identidade com os objetos externos” (JUNG, 2013c, p. §756). Ou seja, até é possível um processo de individuação “natural”, mas a consciência deste processo o potencializa sobremaneira.

Uma boa maneira de entender o processo “natural” de individuação, que simplesmente acontece, e a forma mais consciente de individuação, que a psicoterapia junguiana promove, é considerar a analogia do corpo humano. Nossos corpos físicos crescem e se desenvolvem por conta própria, sem exigir nossa percepção consciente. Podemos, no entanto, assumir uma postura mais proativa e consciente em relação ao nosso desenvolvimento físico, exercitando-nos e comendo adequadamente. Da mesma forma, podemos ser mais proativos em termos de desenvolvimento de nossa psique, tomando certas medidas que ajudam a acelerar o processo natural de individuação.

Portanto, uma diferenciação importante a ser feita entre o processo de individuação que ocorre naturalmente, e o que é guiado por um analista, é que ainda que

a análise junguiana não produza o processo de individuação, com frequência é capaz de ativá-lo, de torná-lo mais consciente e de acelerar-lhe a velocidade de ocorrência. Há três importantes diferenças entre a pessoa cuja individuação segue as vias naturais e aquela cuja individuação ocorre através da experiência analítica. A pessoa cuja individuação é estimulada mediante a análise é 1) mais capaz de perceber de forma consciente e descrever o processo de individuação; 2) menos propensa a sofrer uma regressão para padrões neuróticos de comportamento; e 3) mais capaz de ajudar outras pessoas (na qualidade de "parteira") a passar pelo mesmo processo. (HALL, 1995, p. 66)

Ou seja, não só a pessoa potencializa o seu próprio processo de individuação, como também se torna um agente multiplicador, capaz de provocar em seus pares estímulos para que passem pelo mesmo processo. E isso é fundamental, principalmente ao *homem-massa*, uma vez que o processo de individuação precisa ser um processo contínuo, pois “nenhum elemento age sobre outro sem que ele próprio seja modificado” (HUMBERT, 1995). Ou seja, assim como o *homem-massa* que opta por se individuar muda a massa, a massa lutará ferrenhamente para

massificar novamente o homem individuado.

O *homem-massa* que ouviu, mesmo ao longe, o “chamado para a aventura” feito pelo *Self*, tem o dever moral de lutar por sua individuação, isso porque passa a ser corresponsável em afetar positivamente suas circunstâncias, tendo em vista que, como já vimos reiteradas vezes, “o caminho da individuação não é o do individualismo em seu sentido limitado, negativo, mas um caminho que intensifica, em vez de diminuir, a percepção social e a responsabilidade” (CLARKE, 1993, p. 209).

O processo de individuação se delineia como uma maneira eficaz de transformação psicológica do *homem-massa* e, mais do que isso, como forma de garantir às sociedades certa segurança, tendo em vista a vulnerabilidade atrelada à um grande número de *homens-massa* reunidos em sociedade, por sua vulnerabilidade de ser iludido com discursos de bem coletivo e “terra prometida”, quando na verdade estão sendo conduzidos, como muitas vezes já vimos acontecer, a cometer atrocidades pensadas em virtude das “psicoses latentes em indivíduos na sociedade” (JUNG, 2013b, p. 14, §490).

A pessoa individuada, portanto, além de salvar a si mesma da condição de *homem-massa* — como vimos, peremptoriamente ameaçadora — é melhor para o coletivo, ainda que pareça contraditório. Pois quanto mais integrados nos tornamos, mais capazes somos de contribuir e mudar as nossas circunstâncias. A mudança individual de cada pessoa é o único caminho para mudar o panorama geral da sociedade. A psicologia que encaminha os indivíduos à totalidade de *si-mesmos* é a psicologia que pode curar as nações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS, OU: A PSICOLOGIA DO INDIVÍDUO É A PSICOLOGIA DA NAÇÃO

Guerras mundiais não estão em curso, mas são uma ameaça permanente que paira em nossos tempos. Não raro nos deparamos com posicionamentos políticos, mesmo em democracias supostamente sólidas, em que nos perguntamos se não estamos à um passo de um movimento tirânico movido por ódio e irracionalidade. O trabalho analítico com pessoas identificadas com perfil psicológico de *homem-massa* é, como vimos, a chave para evitarmos estes movimentos concretizem. Um tirano sozinho é uma ameaça frágil e pontual. Um tirano com uma multidão de *homem-massa*, pessoas manipuláveis, ingratas, indiferentes, violentas, rebeldes, vulgares e ressentidas, é uma ameaça real à nação.

Vimos que há um caminho para a transformação psicológica destes *homens-massa* e, conseqüentemente, um caminho para evitarmos desastres que envolvam nações, uma vez que, como bem expõe Jung,

é de indivíduos que se compõe a nação. Por isso, cada um precisa descobrir os meios e modos de enfrentar o mal. De acordo com nossa atitude racionalista, pensamos poder resolver as coisas através de organizações internacionais, de leis e outras “boas intenções” semelhantes. Na verdade, porém, só uma mudança de mentalidade de cada indivíduo poderá levar a uma renovação do espírito das nações. Tudo começa com o indivíduo (JUNG, 2013d, p. 37, §45).

E, no fim, é exatamente isso. Se torna inviável qualquer forma de abordagem que queira conduzir uma transformação psicológica do coletivo (em si mesmo), com vistas de obter um fim bom. Uma vez que invariavelmente as particularidades serão deixadas de lado em prol da visão daquele que conduz, este, mesmo que com boa intenção, provocará uma neurose coletiva, de pessoas não individuadas, suscetíveis a se tornarem *homens-massa*, e suplantarem qualquer

boa intenção.

Lembremos, pois, que a individuação não é individualidade, e que um dos seus pressupostos fundamentais é justamente a retribuição ao coletivo, deste sujeito bem integrado, que precisou perseguir em si mesmo a sua totalidade. Este um, que contraintuitivamente, ao individuar-se, repercute positivamente no coletivo, é quem é capaz de reformar uma nação. Não é difícil chegar à conclusão de que

um grupo social constituído de indivíduos deformados não pode ser uma instituição saudável e capaz de sobreviver por muito tempo, pois só a sociedade que consegue preservar sua coesão interna e seus valores coletivos, num máximo de liberdade do indivíduo, tem direito à vitalidade duradoura. Uma vez que o indivíduo não é um ser único, mas pressupõe também um relacionamento coletivo para sua existência, também o processo de individuação não leva ao isolamento, mas a um relacionamento coletivo mais intenso e mais abrangente (JUNG, 2013c, p. 591, §853).

O apelo aqui não é, portanto, no isolamento social e busca desmedida dos próprios interesses. Mas de que no combate à tirania, e para o bem-estar das nações, o indivíduo desempenha um papel crucial. E de que por isso o valor do indivíduo é superior ao valor do coletivo, uma vez que o coletivo é um pressuposto de indivíduos. Podemos afirmar que a psicologia do indivíduo é a psicologia da nação, pois

a personalidade que encontrou o seu centro e adquiriu sua autonomia ética, constitui, com o fortalecimento de sua estrutura e com o alargamento de sua consciência, um ponto de sólido apoio para o coletivo. Ela é um polo repousante na abalada dos fenômenos, em que se despedaçam fora e dentro as ondas avassalantes do coletivismo e da alma da massa (NEUMANN, 1991, p. 105).

E mais do que prevenir tiranias, a pessoa individuada também serve para auxiliar na evolução da humanidade com vistas de algo melhor. Não são somente das tiranias que “o mal” advém, destas advém somente o mal mais evidente e escrachado, porém todos os seres-humanos carregam consigo intrinsecamente seus conflitos e chagas. Seguindo os pressupostos da psicologia Junguiana, a pessoa individuada seria ainda capaz de, em contato com o inconsciente coletivo, e por ter experienciado ela mesma a jornada de aproximação ao *Self*, ser capaz de amenizar os conflitos coletivos. Erich Neumann expõe que

o indivíduo, vivendo na realidade a totalidade do seu ser individual, é uma retorta de alquimista, em que os elementos do coletivo são derretidos e chegam a uma nova síntese, sendo logo após oferecidos ao coletivo. Mas é também, ao elaborar antecipatoriamente o mal assimilando sua sombra, um órgão de imunização para o coletivo. A sombra do indivíduo está sempre associada com a sombra do coletivo grupal, e, na elaboração do seu mal, sempre se elabora também uma parcela do mal coletivo (NEUMANN, 1991, p. 106)

Não podemos deixar de notar a beleza desta proposta, em que “o indivíduo assume parte da carga do coletivo em sua própria responsabilidade e desvenena e integra este mal com seu próprio trabalho de transformação interna” (*ibid.*). Não pode ficar mais evidente que o processo de individuação é um caminho eficaz para a transformação psicológica do *homem-massa*, e de que a psicologia que aborda este indivíduo, é a psicologia que pode tratar nações inteiras.

REFERÊNCIAS

ASSUMÇÃO, J. **Homem-massa - A filosofia de Ortega y Gasset e sua crítica à cultura massificada**. Porto Alegre: Editora Bestiário, 2012.

AXT, G. A volta do “Homem-massa” de José Ortega y Gasset? **Estado da Arte**, 2020. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/a-volta-homem-massa-de-jose-ortega-y-gasset/>. Acesso em: maio 2022.

CLARKE, J. J. **Em busca de Jung**: Indagações Históricas e Filosóficas. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.

FADIMAN, J.; FRAGER, R. **Teorias da Personalidade**. São Paulo: Harbra, 1986.

HALL, J. A. **A Experiência Junguiana - Análise e Individuação**. São Paulo: Cultrix, 1995.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUMBERT, E. G. **Jung**. São Paulo: Summus, 1995.

JACOBI, J. S. **The way of individuation**. New York: New American Library, 1983. Disponível em: <https://archive.org/details/wayofindividuation00jaco>. Acesso em: Maio 2022.

JUNG, C. G. **Collected Works of C.G. Jung, Volume 10**: Civilization in Transition. 3. ed. [S.l.]: PRINCETON UNIVERSITY PRESS, v. 10, 1978.

JUNG, C. G. **Ab-reação, Análise dos Sonhos, Transferência**. Tradução de Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, C. G. **Aion**. Petrópolis: Vozes, 2013a.

JUNG, C. G. **Presente e Futuro**. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 2013b.

JUNG, C. G. **Tipos Psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 2013c.

JUNG, C. G. **Civilização em Transição**. Petrópolis: Vozes, 2013d.

JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente**. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2014a.

JUNG, C. G. **O Desenvolvimento da Personalidade**. Tradução de Frei Valdemar do Amaral. Petrópolis: Vozes, 2014b.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5ª. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india. Acesso em: Maio 2022.

MOTA, F.; ACSELRAD, M. Algumas Considerações Sobre a História e a Atualidade do Conceito de ‘Massa’ para a Teoria da Comunicação. **Intexto**, Porto Alegre, 1, julho 2011. 5-17. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/14872>. Acesso em: maio 2022.

NEUMANN, E. **Psicologia profunda e nova ética**. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

OLIVEIRA, M. M. D. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

ORTEGA Y GASSET, J. **A Rebelião das Massas**. eBook: Ridendo Castigat Mores, 2005.

PENNA, E. M. D. **Epistemologia e Método na Obra de C. G. Jung**. São Paulo: EDUC, 2013.

ROBERTSON, R. **Guia Prático de Psicologia Junguiana**. São Paulo: Cultrix, 1999.

STEIN, M. **Jung, o Mapa da Alma – uma Introdução**. São Paulo: Cultrix, 2000.

TORRES, F. A. P. Importância e atualidade de Ortega y Gasset. **Bonifácio**, 2021. Disponível em: <https://bonifacio.net.br/importancia-e-atualidade-de-ortega-y-gasset/>. Acesso em: maio 2022.

VON FRANZ, M.-L. **O Proesso de Individuação**. In: JUNG, C. G. (org.). **O Homem e Seus Símbolos**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.